

**“QUANDO VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA”:  
O LABORATÓRIO DE JOEL RUFINO DOS SANTOS**

*Andressa Monteiro de Carvalho* (UNIGRANRIO)  
[profandressamonteiro@gmail.com](mailto:profandressamonteiro@gmail.com)  
*Idemburgo Pereira Frazão Félix* (UNIGRANRIO)  
[idfrazao@uol.com.br](mailto:idfrazao@uol.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo discutir a obra “Quando voltei, tive uma surpresa”, de Joel Rufino dos Santos, enquanto laboratório de sua escrita para crianças. Analisaremos aqui, a trajetória do autor na escrita e os caminhos que o levaram a escrever literatura infantil. A obra é construída em meio à ditadura militar no Brasil, sendo assim influenciada pelo contexto social vigente na época. São cartas de um pai afastado involuntariamente do filho, que tenta por meio da Literatura e da História criar uma aproximação afetiva e pedagógica com o menino. Vê-se durante a obra e com passar do tempo, o ganho de Joel em relação à escrita criativa para crianças e a partir dela a necessidade do autor escrever cada vez mais livros infantis. O que acabou em várias premiações e até mesmo em indicação ao prêmio Hans Christian Andersen, em 2014.

**Palavras-chave:**

Cartas. Literatura infantil. Joel Rufino dos Santos.

**1. Introdução**

O presente trabalho observa as relações entre a escrita de Joel Rufino dos Santos para crianças e as cartas escritas por ele e destinadas ao filho, Nelson, quando o pai encontrava-se encarcerado no presídio de Hipódromo, em São Paulo, por ter sido contra o regime político vigente no Brasil, que era a ditadura militar. Na época em que ele foi preso Nelson tinha apenas oito anos de idade. E a princípio, não sabia o que realmente havia acontecido com seu pai, acreditando que este estava viajando a trabalho.

Com o passar do tempo e o crescente sentimento de abandono que o menino sentia. Rufino juntamente com sua esposa Teresa Garbayo, decidiu contar a verdade ao filho sobre o que estava acontecendo, e a partir desse momento Joel Rufino começa a escrever uma série de cartas ao menino perguntando como estava sendo a sua rotina na escola, em casa e sua convivência com os amigos. Ele também fala sobre suas atividades em Hipódromo e cria narrativas literárias baseadas em suas experiências e, principalmente na História e cultura do Brasil.

Joel Rufino dos Santos nasceu em 1941 no Rio de Janeiro e viveu a sua infância em Cascadura, um bairro da zona norte do Rio. Era filho de dona de casa e um operário que gostava de ler. Ao que parece, foi o pai de Rufino que despertou seu interesse pelos livros e pelas narrativas fantásticas. Quando ficou um pouco mais velho Joel passou a trabalhar pela manhã e fazer o científico à noite, naquela época o ensino médio se dividia em clássico e científico<sup>1</sup>. Após terminar a educação básica ele se mudou para Glória, zona sul do Rio de Janeiro, e estava contente por ter um “curso básico”. No entanto ao final a década de 50 seu colega mais próximo, Gladstone Leal, do tempo da escola, o presenteara com um livro que mudaria sua vida: “Introdução a revolução Brasileira” de Nelson Werneck Sodré, leitura que acabou despertando em Rufino dos Santos um desejo de se tornar professor de História (SANTOS, 2008, p.42). Em seu livro, “Assim foi, se me parece, Joel discorre:

Terminadas as aulas, dez da noite, parando nos quiosques do tempo do bonde puxado a burro, atravessamos o centro conversando sobre autores e obras que conhecíamos, ou gostaríamos de conhecer. Esse colega, terminado o científico, me deu num café, onde casualmente nos reencontramos, a Introdução à revolução brasileira, de Werneck Sodré. (SANTOS, 2008, p. 42)

Fascinado pela leitura que Werneck Sodré faz do Brasil, Joel Rufino dos Santos se matricula no vestibular da Faculdade Nacional de Filosofia e ingressa no curso de História. Já quase ao término do curso, o professor Nelson Werneck Sodré o convida para ser seu assistente no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), “Eu havia publicado uns poucos artigos no Boletim de História. Werneck Sodré conhecia a publicação e convidou para trabalhar com ele, no ISEB, primeiro seus dois diretores, recém formados, depois a mim e Mauricio Martins” (SANTOS, 2008, p. 55).

Nesse período Joel Rufino convive com grandes teóricos do pensamento brasileiro, estudando livros importantes para sua formação enquanto historiador. “No Instituto, além de me obrigar a leituras sistemáticas, de formação, ministrava algumas partes do programa” (SANTOS, 2008, p. 56). Foi também nessa época que Joel colaborou com a constru-

---

<sup>114</sup> Decreto – Lei N. 4.244 – de 9 de abril de 1942, no governo de Getúlio Vargas, foi instituída a Reforma Capanema do Ensino. Que dividiu o ensino secundário em dois: Clássico e científico.

ção e escrita da História Nova do Brasil<sup>2</sup>. Uma coleção que pretendia contar a História do país do ponto de vista dos oprimidos.

Em 1964, casado, com 23 anos de idade e um filho a caminho, Joel Rufino precisou exilar-se na Bolívia e, posteriormente no Chile, afastando-se da sua família, dos amigos e interrompendo a sua trajetória universitária. Exilado, ele não viu o nascimento do seu filho, Nelson, que recebeu o nome em homenagem ao mestre, professor e amigo de seu pai, Nelson Werneck Sodré.

Mais Tarde, de volta ao Brasil, já quase na década de 70. Rufino é surpreendido pelo cárcere, mas como ele mesmo afirma, não chegou a ser um “paliteiro de IPMs” (SANTOS, 2004,p.16). Mesmo assim, durante a ditadura militar Joel Rufino dos Santos foi preso algumas vezes, DOI-CODI, do Rio, operação bandeirantes, Dops, presídios Tiradentes e do Hipódromo em São Paulo (SANTOS, 2000). Segundo o próprio Joel:

Meu trajeto de preso político fora DOI-CODI, do Rio; Operação Bandeirantes, DOPS, presídios Tiradentes e do Hipódromo, em São Paulo. Só nestes, já condenados, entrávamos na rotina das visitas dominicais, banho de sol, estudo, discussão política, tédio, tédio,tédio. (SANTOS, 2000, p. 75)

Logo no primeiro contato com prisão, na ditadura militar, tentaram fazer com que Joel incriminasse Werneck Sodré, Joel afirma que o diretor do presídio em que estava, mandou que o levassem até os torturadores que eram considerados “bons” no que faziam. Como ele afirma (2008, p. 23) “Presidida por um coronel inconformado com nossa pouca idade, querendo à força, incriminar o ex confrade Werneck Sodré mandou nos entregar a torturadores de prestígio”.

Dentre as passagens de Rufino pelo cárcere, a vez em que ele passou mais tempo preso foi na última prisão, que começou com a detenção de Teresa Garbayo, sua esposa, e de seu pai. No entanto, quando Joel Rufino se entregou aos militares, os mesmos soltaram seus familiares. Então, Joel passa a cumprir pena no presídio do hipódromo de 1972-1974 (SANTOS, 2008).

O motivo do cárcere seria a sua contrariedade ao sistema vigente na época, expondo seus pensamentos através de suas aulas e, ainda sua

---

<sup>115</sup> História Nova do Brasil, que se originou da coleção História Nova, publicada pelo ministério da Educação e Cultura em 1964. “Foi escrita em conjunto por Joel Rufino dos Santos, Mauricio Martins de Mello, Pedro de Alcântara Figueira, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto, Rubem César Fernandes e Nelson Werneck Sodré”. (LOURENÇO, 2008, p. 386)

participação na escrita e desenvolvimento do livro História Nova do Brasil. Sobre seu comportamento como preso político Joel Rufino dos Santos (2008) afirma que:

Entreguei algumas pessoas que me pareciam inofensivas, querendo acreditar que se as prendesse não seriam maltratadas, um curto transtorno e logo deixariam o inferno. E se estivessem envolvidas, sem eu saber, com esquemas maiores, redes de luta, como iam se livrar? A tática covarde e arriscada, por acaso deu certo: nenhuma foi a julgamento comigo, descartadas logo. (SANTOS, 2008, p. 79)

É no presídio de Hipodromo que Rufino vê-se distante do filho, e passa a escrever cartas para ele. O que se vê nessas cartas são as figuras de pai e de professor refletidas em desenhos e histórias de literatura-infantil que buscam, sobretudo, estabelecer um diálogo afetoso entre o pai e professor, Joel Rufino dos Santos e o filho e aluno, Nelson Garbayo dos Santos.

## 2. ***“Quando voltei, tive uma surpresa”: um laboratório da criação literária de Joel Rufino dos Santos***

Nos primeiros meses de afastamento entre pai e filho, a família disse a Nelson que o pai estava viajando a trabalho. Pois acreditavam que Joel Rufino sairia rápido da prisão, justamente por não existir nenhuma prova substantiva contra ele. No entanto, com o passar do tempo, viu-se a necessidade de dizer a verdade, já que o menino começou a sentir-se longe do pai. Segundo Rufino, seu maior medo era que o filho o confundisse com um ladrão ao saber que ele estava preso<sup>3</sup>.

Assim, foi por meio de uma necessidade que Joel começou a escrever para crianças, no entanto para além da comunicação com o filho essas cartas assumem uma característica de denúncia, pois fazem parte de um período da História brasileira permeado pela ditadura militar. Teresa Garbayo dos Santos, esposa e mãe do filho de Joel Rufino, faz uma descrição da obra no prefácio:

São cartas ternas, de um pai amoroso, cheias de histórias engraçadas, de interesse pelo seu desenvolvimento, e de muita saudade. Guardei-as todas, as que chegaram – previamente lidas, censuradas e carimbadas – porque eram uma parte da história de vida do meu filho e do país em que vivemos. (SANTOS, 2000. p. 7)

---

<sup>116</sup> [http://www.terra.com.br/istoegente/46/reportagem/rep\\_joel\\_rufino.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/46/reportagem/rep_joel_rufino.htm)

Em uma das cartas Joel explica ao filho que só poderia escrever apenas três folhas de carta, pois era o limite para cada preso. Em um dos diálogos que ele abre com o filho durante as cartas, afirma (2000, p. 39): “A nossa história dos Palmares(que comecei a contar) continua. Na página seguinte eu desenhei o 2º capítulo. O 3º já está pronto, mas não dava para colocar nesta carta.” Vê-se que ele procura explicar as condições a que estava submetido sem impactar o filho, remediando as situações da melhor forma possível. No dia 14 de agosto de 1973, Joel escreve ao filho o seguinte relato:

Nelson, eu perdi um pouco a noção da história de Palmares que estava te contando. É uma bela história, mas eu não pude contar toda de uma vez. O resultado foi que, agora, não sei bem onde parei. (Nós só podemos escrever 3 páginas por carta, pois são muitas pessoas querendo escrever para seus parentes – então ficou combinado que cada um só escreveria 3 páginas). (SANTOS, 2000, p. 47)

Mesmo limitado, com uma vontade de manter uma conversa com o menino, Rufino começou a escrever cartas que traziam a ludicidade como característica, mas que abordavam temas pertinentes a formação pedagógica e ética de Nelson, como por exemplo: a condição do negro e seu lugar e não-lugar na sociedade, análises da cultura brasileira e suas histórias em um contexto de preso político na ditadura militar. Realizando uma comunicação entre a Literatura e a História. Como afirma Joel, (2008, p. 66) “Transferido para Hipódromo, comecei a escrever para Nelson, meu filho de oito anos. Tinha de lhe explicar que não estava viajando, como a família dissera, que estava preso, mas não era do mal, muito pelo contrário”.

Ressalta-se a importância da cultura também ser trabalhada através dessas cartas, pois ela constitui-se como elemento essencial na construção identitária do povo. Sobre o conceito de cultura, Clifford Geertz, reflete em seu livro “A interpretação das Culturas” propondo ela é formada por teias de significados construídas pelo homem, para controle do seu comportamento:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 15)

Roberto Da Matta (1986, p. 18) define que a cultura seria “a palavra que exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer coisas”. Mas se por um lado a cultura controla, por outro, em suas diversas formas de manifestação, pode ser utilizada como base para a construção do empoderamento do povo e dos diversos grupos que o compõe, sobretudo em uma sociedade que historicamente mantém uma dominação hierárquica, sob o ponto de vista eurocêntrico. É justamente nesse sentido que se analisam as histórias narradas no livro, *Quando voltei*, tive uma surpresa, pois o historiador, Joel Rufino dos Santos, ao escrever cartas a seu filho, pensa sobre questões relacionada à cultura e a formação da sociedade brasileira. Dando voz a elementos culturais que sempre estiveram à margem da História.

A obra reúne 32 cartas que foram enviadas do presídio, para Nelson, na época com 8 anos, entre 12 de junho de 1973 a 11 de março de 1974. Teresa Garbayo (SANTOS, 2000, p. 7) conta que ao saber que o pai estava preso, Nelson procurou refugiar-se embaixo da cama, abraçado à Gaiola com seu passarinho. “Rosto fechado, lágrimas nos olhos, Nelson procurou refúgio embaixo da cama e lá ficou abraçado à gaiola com seu passarinho. Nos seus oito anos, foi assim que ele expressou sua dor ao saber que o pai estava preso”.

O título do livro, “Quando voltei, tive uma surpresa”, é marca da primeira carta que Joel Rufino escreveu da prisão destinada a Nelson, explicando ao filho, o que tinha acontecido e o porquê de ter sido preso, narrando como havia acontecido. Vemos então a explicação do pai dada atenciosamente ao filho que estava a sua espera:

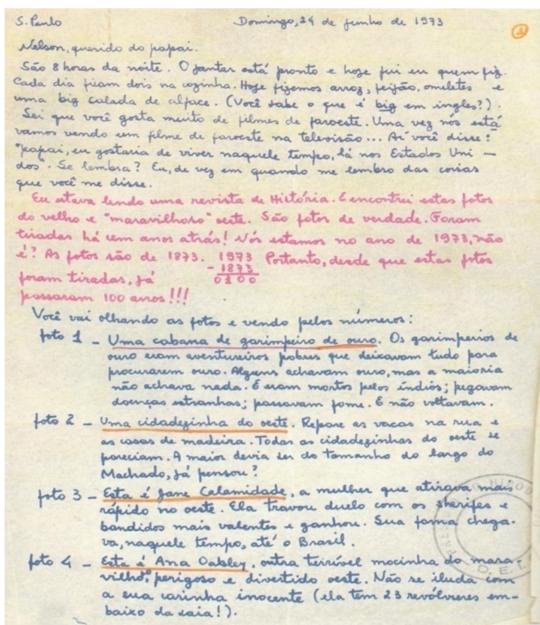
Nelsinho, meu querido,  
(...) Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo. Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Ai, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo é com o juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz – e acho que você mesmo já viu um na televisão. (SANTOS, 2000, p. 9)

Durante a leitura do livro, vê-se que Joel na tentativa de manter-se presente na formação e na vida do filho, conta uma série de histórias para Nelson, como por exemplo, a de Zumbi. Em uma das cartas ele diz: “Eu tive uma ótima ideia. Vou contar a você algumas histórias do Brasil (se lembra que eu sou professor de História?). Começarei com a história de

Zumbi dos Palmares” (SANTOS, 2000, p. 35). A narrativa dura algumas cartas, pois Joel faz questão de contar um pedaço a cada dia, como se estivesse desenvolvendo uma novela, “Cada dia contarei um pedaço. Quando chegar no fim, basta juntar todas as cartas e terá um livro completo” (SANTOS, 2000, p. 35).

Vale lembrar também que nas cartas ele utiliza palavras em Inglês, para incentivar o filho na aquisição dessa linguagem, colocando a tradução logo em seguida, ou em forma de desenho ou na palavra escrita em português, além disso, ele trabalha com o calendário, marcando as datas em algarismo romanos, como por exemplo, na carta datada como de 28/VIII/73, em que ele usa algarismos romanos nos meses das cartas, acredita-se que seja para ajudar ao filho a compreender o conteúdo. Ainda, ele faz com o filho operações matemáticas como a que vemos na carta a seguir em que ele realiza uma subtração de anos que tem como resultado o número 100:

FIGURA 1 – CARTA 24 DE JUNHO DE 1973



FONTE: QUANDO VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA (2000, p.16)

Atenta-se ainda, para o fato de Rufino fazer uso de canetinhas coloridas e começar a fazer desenhos cada vez melhores, no decorrer da história, para ilustrar o que estava contando. “Numa das primeiras visitas, Nelsinho me presenteara com uma caixa de lápis Hidrocor. Comecei a escrever períodos multicoloridos, depois a desenhar sem jeito e no fim, com gosto” (SANTOS, 2008, p. 87). No início e ao final das cartas ele sempre estabelece um diálogo com o filho, como nota-se durante a escrita da história: “Nelson: você já viu alguém desenhar pior do que eu? Mas vou melhorar aos poucos” (SANTOS, 2000, p. 31) ou ainda, mais adiante em que ele questiona ao filho: “Você não notou que estou desenhando um pouco melhor?” (SANTOS, 2000, p. 35).

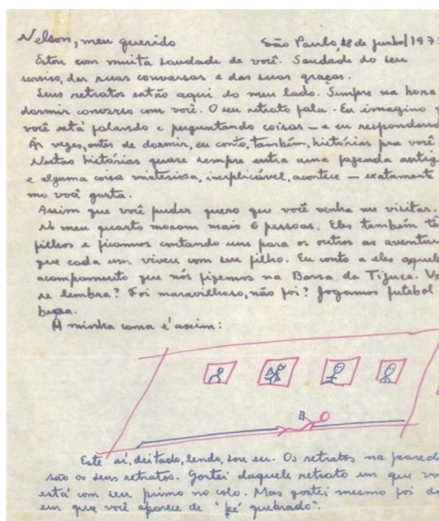
Como se pode observar, Joel estava sempre preocupado em fazer um bom desenho do que estava narrando, pois acreditava que as crianças, de uma maneira geral se interessam por ilustrações e cores. E acredita-se que Joel Rufino, tentava encantar o filho com suas histórias, utilizando os desenhos como uma estratégia para atingir seu objetivo. Segundo Ligia Cademartori, as crianças são ávidas leitoras de imagens e a ilustração muita das vezes oferece ao leitor informações para além do texto escrito. Para ela:

O atrativo instantâneo que ilustrações de livros de literatura infantil exercem em crianças de qualquer época e, de modo especial, naquelas que hoje crescem em um mundo acentuadamente visual, é fato inegável e de constatação óbvia. (CADEMARTORI 2008, p. 79)

Dessa forma, as ilustrações de Joel podem ser entendidas como elementos constituintes para chegar ao objetivo, que é a aproximação e a intervenção pedagógica do autor para com o filho. As imagens, nesse caso ajudam no acesso ao conteúdo didático que será apresentado, sobretudo na passagem da história de Zumbi dos Palmares. Abaixo seguem alguns dos desenhos de Joel para o filho, através deles pode-se observar o desenvolvimento de Rufino nos desenhos

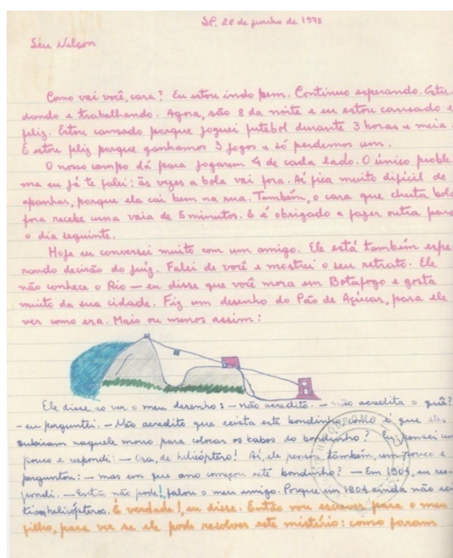


FIGURA 2 – CARTA 12 DE JUNHO DE 1973



FONTE: QUANDO VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA (2000, p.16)

FIGURA 3 – CARTA 28 DE JUNHO DE 1973



FONTE: QUANDO VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA (2000, p.28)

FIGURA 4 – CARTA 25 DE JULHO DE 1973



QUANDO VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA (2000, p. 36)

### 3. *O pedagógico nas cartas de Joel: a história de Zumbi dos Palmares*

Nas imagens, pode-se observar o desenvolvimento de Joel Rufino para a ilustração, pois com muito cuidado ele tenta retratar o que está sendo narrado para o filho, nela fica claro que Rufino acaba fazendo o desenho para ajudar na comunicação da história e na sua contextualização em tempo e espaço. Além da multiplicidade de cores utilizadas retirar das cartas o peso do pai estar preso, dando alegria ao que está sendo narrado. Como podemos ver a imagem contribui de forma significativa, com o texto, aumentando a possibilidade de imaginação e entendimento do que está sendo dito, Joel Rufino faz uso de diversas cores de canetinhas, desenha a aldeia, os navios dos Holandeses, as palmeiras e vários outros elementos presentes no texto.

Na história de Zumbi, Joel Rufino dos Santos, conta com muita criatividade que em 1630, quando os holandeses invadiram o Brasil, alguns negros, que estavam escravizados, aproveitaram o momento para fugir. Procuraram um lugar escondido, para se estabelecer: “Eles foram morar bem longe. O lugar se chamava Palmares. Pois lá havia muitas palmeiras. Eles comiam o palmito que ficava dentro da palmeira. Com o tronco faziam estacas para proteger a aldeia” (SANTOS, 2000, p.37).

Lá os negros viviam felizes, pois não eram escravizados. Havia somente um problema, não tinham mulheres em Palmares. Então após

uma reunião os homens resolveram traçar estratégias para salvar as suas mulheres das fazendas. “Quando caiu a noite...Atrás de cada pé de cana havia um negro escondido. Nesta noite inesquecível de 1630, muitas escravas foram roubadas das fazendas... e Palmares cresceu!” (SANTOS, 2000, p. 37).

Na carta seguinte ele continua contando ao filho que, as escravas que foram resgatadas, tiveram filhos e Palmares cresceu ainda mais. As casas já eram de madeira, feitas com o tronco das palmeiras que cercavam o local e a aldeia estava se desenvolvendo. “Construíram-se novas casas- só que agora de troncos de palmeiras, muito mais fortes e bem feitos” (SANTOS, 2000, p. 41).

No capítulo seguinte, ele segue narrando, que os senhores de escravos estavam extremamente aborrecidos com a inteligência dos negros. Que haviam fugido e ainda libertado suas mulheres. “Contudo os senhores donos dos escravos ficaram com muita raiva e atacaram Palmares. A guerra terrível estava começando”(SANTOS, 2000, p.45).Eles atacaram Palmares por cinco vezes e, em todas, os negros venceram.

Cansado das derrotas o governador resolveu chamar o líder dos escravos, que se chamava Zumbi. Como conta Joel (2000, p.45), “Zumbi perguntou o que o governador queria. O governador leu um papel perguntando se Zumbi queria fazer as pazes”Se o líder dos escravos aceitasse a guerra acabaria e eles poderiam viver em paz em Palmares, mas em troca não poderiam “roubar” mais mulheres. Rufino continua com uma indagação ao filho (2000, p.45): “Zumbi aceitará essa paz? É o que veremos no próximo capítulo! Mil beijos no Nelson querido. Joel”.

É importante ressaltar que na carta seguinte ele começa fazendo uma lembrança dos capítulos anteriores.

Resumo dos capítulos anteriores: Os escravos aproveitaram a invasão dos holandeses para fugir. Depois, eles raptaram as escravas. Aí começou a guerra, pois os donos de escravos ficaram morrendo de raiva e de medo. Raiva contra os escravos e medo de perderem todos os seus escravos, escravas e escravinhos. (SANTOS, 2000 p. 49)

Joel Rufino conta para o filho, que Zumbi aceitou a proposta do governador e a paz foi estabelecida naquele momento. Nisso, o líder dos escravos volta para Palmares, onde foi realizada uma grande festa de sete dias e sete noites, em que todos estavam vestidos de branco, e Zumbi recebeu muitos presentes por ter conseguido negociar a paz. Ele pronuncia



Quando o chefe, Zumbi, os avisou de que não iria mais ter guerra, eles discordaram: “Como não vai ter mais guerra?”; “Por que o senhor mandou o povo guardar as armas?”; Então o senhor acredita que os senhores vão deixar a gente em paz?” (SANTOS, 2000, p. 49): Perguntaram Ganga Zumba, África e Noite, respectivamente. Eles achavam que os brancos tinham enganado o pai e que o povo tinha mais é que lutar para ser livre. Ele continua: “Acho que parei quando Zumbi voltou para Palmares, depois de assinar a paz com o Governador” (SANTOS, 2000, p. 55).

Ganga Zumba, filho de Zumbi, não concordou com o pai, ele acreditava que a guerra deveria continuar. Ao mesmo tempo, o governador e o Rei brigaram, pois o Rei também não acreditava na paz “-Temos que viver em paz com os negros - disse o governador. - Não disse o Rei. - Os negros precisam ser destruídos!”(SANTOS, 2000, p. 57). O Governador foi demitido e o novo mandou logo que atacasse Palmares novamente. Ganga Zumba havia retirado o pai do cargo de chefe dos negros. E comandados por ele os negros venceram mais uma vez.

A partir de então o Rei, extremamente furioso, mandou chamar Domingos Jorge Velho, uma pessoa terrível para lutar contra Palmares, Domingos era um paulista, caçador de índios.

O Rei chamou esse horroroso caçador de índios. Disse-lhe: Quero que destrua Palmares. Está bem. Mas vou logo lhe dizendo que quero muito ouro e muita terra para fazer esse serviço. Minha especialidade é caçar índios, mas pode ficar tranqüilo. Caçarei estes negros. E lhe tarei suas orelhas. (SANTOS, 2000, p. 57)

Quando chegou em Palmares, Jorge Velho não atacou logo, mandou que cercasse tudo, isolando a cidade de Palmares e impediu os comerciantes que passavam de vender comida para os negros. Depois cinco meses sem beber e comer os guerreiros de Palmares não haviam se rendido. Estavam dispostos a lutar até a morte. Domingos então mandou uma escrava doente de varíola para a cidade e os negros a acolheram, sem saber que era uma doença contagiosa que matava muito rapidamente.

Todos os Negros ficaram doentes, Noite a filha de Zumbi, o grande líder dos escravos morreu. Ganga Zumba e até o próprio Zumbi também ficaram doentes. Foi nesse momento que Domingos Jorge resolveu atacar Palmares destruindo tudo. (SANTOS, 2000 p. 61) “A cabeça de Ganga Zumba ele levou espetada num pau. Isto é para os escravos verem que Ganga não é imortal. E zumbi? Zumbi não se rendeu. Ele preferiu

atirar-e de uma rocha bem alta. Prefiro a morte à escravidão! (foram suas últimas palavras).

A história é encerrada através de um diálogo com seu filho, em que ele lembra a temporalidade do acontecimento e ressignifica o final trágico a que o grupo de escravos foi acometido:

Essa história aconteceu há 400 anos. Mas, até hoje os negros acreditam que Zumbi não morreu. Sempre que um menino, ou menina preta sorri, eles acreditam que é Zumbi que está sorrindo por ele ou por ela. Zumbi continua vivo no sorriso de todas as crianças negras do mundo. No Brasil, na África, no Peru, no Haiti, nos Estados Unidos- em toda parte. (SANTOS, 2000 p. 61)

Não há como falar da história de Zumbi dos Palmares, da escravidão e da forma como Joel escreve, sem falar no preconceito, no racismo e na formação da sociedade brasileira. No livro Zumbi, Rufino fala que “Na sociedade colonial escravista, os lugares estavam fixados de antemão. Pretos eram escravos, índios eram servos, e brancos por definição eram livres” (SANTOS, 2006, p. 20).

Roberto Da Matta, no livro: O que faz o Brasil, brasil? Conceitua que o estamos em um “triângulo racial” que inviabiliza uma visão histórica da nossa formação como sociedade.

De fato, é mais fácil dizer que o Brasil foi formado por um triângulo de raças, o que nos conduz ao mito da democracia racial, do que assumir que somos uma sociedade hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro inferior, uma série de critérios de classificação. (DA MATTA, 1986, p. 47)

Ao acreditarmos que o Brasil foi feito pelo trabalho de negros, brancos e índios, o famoso “mito das três raças” acabamos aceitando que esse encontro deu-se de forma espontâneo, como diria Da Matta (1986, p. 46): “Numa espécie de carnaval social e biológico. Mas nada disso é verdade. O fato contundente de nossa história é que somos um país feito de portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada.”

Para Roberto Da Matta (1986, p. 47) o nosso preconceito é muito mais sofisticado e contextualizado do que o de outros países, uma vez que nos deixamos conduzir por esse triângulo mítico de três raças, trabalhando harmoniosamente para o desenvolvimento do país. O que acaba viabilizando o mito de democracia racial.

Para ilustrar esse pensamento, ele mesmo cita a frase de Florestan Fernandes: “Acabamos desenvolvendo o preconceito de ter preconcei-

to”(DA MATTA, 1986, p. 47). E, em uma sociedade em que existe um preconceito velado, é muito mais eficiente discriminar as pessoas (DAMATTA, 1986, p. 47). De acordo com Da Matta: “Numa sociedade onde não há igualdade entre pessoas, o preconceito velado é uma forma muito mais eficiente de discriminar pessoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar e “saibam” qual é ele.”.

É claro que podemos ter uma democracia racial no Brasil. Mas ela, conforme sabemos terá que estar fundada primeiro numa positividade jurídica que assegure a todos os brasileiros o direito básico de toda a igualdade: o direito de ser igual perante a lei! Enquanto isso não for descoberto ficaremos sempre usando a nossa mulataria e os nossos mestiços como modo de falar de um processo social marcado pela desigualdade, como se tudo pudesse ser transcrito o plano biológico e do racial. (DAMATTA, 1986, p. 48)

Vale lembrar que Joel Rufino ressignifica algumas passagens da História, na sua narrativa ficcional, Ganga Zumba, por exemplo, passa a ser filho de Zumbi, enquanto na História, de fato, ele era um líder antecessor. Sendo o primeiro chefe do Quilombo dos Palmares. Mas acredita-se, que ele lançou mão dessa estratégia literária, como recurso pedagógico, justamente para deixar a história mais atrativa para seu filho.

Há outro livro em que Joel Rufino narra a História de Palmares e, especialmente a figura do Zumbi. É o livro intitulado “Zumbi” lançado em 2006 pela editora Global. Uma das primeiras indagações dele ao falar sobre o assunto é: “Por que os escravos fugiam?” (SANTOS, 2006, p.10). Dando ele mesmo como resposta: “para recuperar a sua humanidade” (SANTOS, 2006, p.10).

Nesse livro, não existe o caráter ficcional da literatura, apesar de ter uma linguagem acessível para adolescentes. Não se trata apenas de uma biografia de Zumbi, pois ele analisa a sociedade escravista e a compara com Palmares, que para ele, mais parecia outro Estado, dentro do espaço brasileiro, onde os negros podiam exercer a sua cultura sem ser incomodados. Como afirma Joel Rufino dos Santos sobre essa apropriação das pessoas uma sobre as outras: Os escravistas não tinham interesse na sua alma- ou na sua cultura, se se preferir. Queriam apenas o corpo. A religião, a língua, a arte a ciência, os costumes, nada disso interessava (SANTOS, 2006, p. 10).

A cultura africana para eles seria um luxo desnecessário. “Eles a admiravam primeiro, depois a desprezaram. Mais do que um luxo, era um estorvo à escravidão dos africanos, pois ela é que os mantinha como seres inteiros” (SANTOS, 2006, p. 10). Assim, era preciso não deixar os

escravos exercerem a cultura de sua terra. Era preciso suprimir-la, era preciso reificar o escravo. “Tiravam-lhe o nome tribal, impunham-lhe outro, português, proibiam-lhe a religião ancestral, forçavam-lhe a aceitar a de cristo”(SANTOS, 2006, p. 11).

#### 4. *Considerações finais*

Analizou-se aqui as cartas de Joel Rufino dos Santos destinadas ao seu filho Nelson, durante a ditadura militar, vê-se nas cartas traços de um pai de um professor, ambos preocupados com a formação ética e intelectual de Nelson. A quem as cartas eram destinadas, percebe-se que a escrita de Joel Rufino para crianças se desenvolveu a partir dessa necessidade de comunicação de um pai afastado involuntariamente.

Interpretando as cartas, percebe-se que as narrativas rufinianas criam um diálogo entre a educação, a História e a literatura, estabelecendo uma parceria entre as disciplinas, as colocando lado a lado em prol de um maior entendimento do que estás sendo dito. Nesse processo, a literatura é quem aglutina as demais disciplinas, Pois é através da riqueza da narrativa que se pode observar o diálogo entre os saberes, possibilitando um maior acesso ao conteúdo das cartas, pois é utilizada como um recurso pedagógico.

Nelson e Joel estabelecem nas cartas um diálogo longo, aberto e muito afetivo, conversam sobre diversos assuntos diferentes, criando entre o pai e o filho laços de confiança e parceria. Apesar das cartas serem fiscalizadas pela ditadura, Joel consegue lançar mão de estratégias literárias que permitem que ele comunique ao filho o que ele quer transmitir de forma criativa e lúdica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. Brasília: Senado Federal, 1942b. Disponível em: Acesso em: 29 agosto. 2018.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.



CADEMARTORI, Ligia. Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil: In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. *Literatura infantil: políticas e concepções*, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora da Guanabara, 1989.

JESUS, Flora. *As cartas rufinianas: um diálogo inconcluso*, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Joel Rufino dos, *Assim foi (se me parece): livros, polêmicas e alguma memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando voltei, tive uma surpresa: cartas a Nelson*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do Social*. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. *Zumbi*. São Paulo: Global, 2006.